



Education and work under the perspective of LGBTQIA+ students from the Federal Institute of Sergipe

Educação e trabalho sob a perspectiva de estudantes LGBTQIA+ do Instituto Federal de Sergipe

Educación y trabajo desde la perspectiva de estudiantes LGBTQIA + del Instituto Federal de Sergipe

Milene Soares de Medeiros

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6163-9076>

Instituto Federal de Sergipe, Aracaju, Sergipe, Brasil

E-mail: milamedeiros@gmail.com

Elza Ferreira Santos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9195-531X>

Instituto Federal de Sergipe, Aracaju, Sergipe, Brasil

E-mail: elzafesantos@gmail.com

ABSTRACT

This article addresses the relationship among education, work and gender based on the analysis of interviews with students from the Federal Institute of Sergipe (IFS) who declare themselves to be LGBTQIA + (lesbians, transsexual gays, transgenders, queers, intersexuals, asexuals and other categories of gender). It aims to bring reflections upon the challenges faced by LGBTQIA + people in educational and professional environment, as well as on the role of school and professional education in the construction of subjects, deconstruction of gender stereotypes and preparation for the work environment. Through bibliographic studies, some research data are presented that point to this reality. The theoretical contribution are the studies of Butler (2007, 2018), Louro (2007, 2008, 2013, 2014, 2018), Dubar (2006, 2012); Bauman (2001, 2005) Ramos (2005, 2008, 2017) among others that demonstrate the relationship among school, society, work and gender. Therefore, it is maintained that the development of discussions and actions that involve gender at school and at work is fundamental, giving students a critical-reflective training, which allows them a dignified insertion in the work environment, according to their choices and consequently transformation of their social context.

Keywords: Gender; Professional education; Work environment; LGBT.

RESUMO

Este artigo aborda a relação entre educação, trabalho e gênero a partir da análise de entrevistas realizadas com estudantes do Instituto Federal de Sergipe (IFS) que se auto

Received: 11 DEC 2020 | **Reviewed:** 23 DEC 2020 | **Accept:** 27 DEC 2020 | **Published:** 30 DEC 2020

How to cite: Medeiros, M. S., & Santos, E. F. (2020). Education and work under the perspective of LGBTQIA+ students from the Federal Institute of Sergipe. *Journal of Research and Knowledge Spreading*, 1(1), e11749.

<http://dx.doi.org/10.20952/jrks1111749>

***Corresponding author:** Milena de Soares Medeiros. **E-mail:** milamedeiros@gmail.com

declaram LGBTQIA+ (lésbicas, gays transexuais, transgêneros, queers, intersexuais, assexuais e outras categorias de gênero). Tem como objetivo trazer reflexões sobre os desafios enfrentados pelas pessoas LGBTQIA+ no ambiente escolar e profissional, bem como sobre o papel da escola e da educação profissional na construção dos sujeitos, desconstrução dos estereótipos de gênero e preparação para o mundo do trabalho. Por intermédio da pesquisa bibliográfica, apresentam-se alguns dados pesquisas que apontam para esta realidade. O aporte teórico são os estudos de Butler (2007, 2018), Louro (2007, 2008, 2013, 2014, 2018), Dubar (2006, 2012); Bauman (2001, 2005) Ramos (2005, 2008, 2017) dentre outros que demonstram a relação escola, sociedade, trabalho e gênero. Sustenta-se, portanto, que é fundamental o desenvolvimento de discussões e ações que envolvam gênero na escola e no trabalho, dando aos estudantes uma formação crítico-reflexiva, que os possibilite inserção digna no mundo do trabalho, de acordo com suas escolhas e conseqüentemente transformação de seu contexto social.

Palavras-chave: Gênero; Educação profissional; Mundo do trabalho; LGBT.

RESUMEN

Este artículo aborda la relación entre educación, trabajo y género a partir del análisis de entrevistas con estudiantes del Instituto Federal de Sergipe (IFS) que se declaran LGBTQIA + (lesbianas, gays, transexuales, transgénero, queers, intersexuales, asexuales y otras categorías de género). Tiene como objetivo traer reflexiones sobre los desafíos que enfrentan las personas LGBTQIA + en el ámbito escolar y profesional, así como sobre el papel de la escuela y la educación profesional en la construcción de sujetos, desconstrucción de estereotipos de género y preparación para el mundo laboral. A través de la investigación bibliográfica, se presentan algunos datos de investigación que apuntan a esta realidad. El aporte teórico son los estudios de Butler (2007, 2018), Louro (2007, 2008, 2013, 2014, 2018), Dubar (2006, 2012); Bauman (2001, 2005) Ramos (2005, 2008, 2017) entre otros que demuestran la relación entre escuela, sociedad, trabajo y género. Por tanto, se sostiene que es fundamental el desarrollo de discusiones y acciones que involucren género en la escuela y en el trabajo, dotando a los estudiantes de una formación crítico-reflexiva, que les permita una inserción digna en el mundo laboral, de acuerdo a sus elecciones y conseqüentemente transformación de su contexto social.

Palabras clave: Género; Educación profesional; Mundo de trabajo; LGBT.

INTRODUÇÃO

Falar sobre gênero e sexualidade no ambiente escolar sempre foi um desafio. Aliás o próprio acesso à educação também é algo historicamente desafiante para as chamadas minorias sociais nas quais estão inseridos mulheres, negros, indígenas e também pessoas que se declaram gays, lésbicas, transexuais, transgêneros, bissexuais, assexuais, pansexuais, queers, travestis e outras categorias que se inserem na sigla LGBTQIA+ e que são nosso foco de discussão neste estudo.

O acesso à educação por muito tempo foi privilégio das elites, conseqüentemente as profissões mais bem reconhecidas socialmente também foram exercidas por essa classe. Este é um fato que, ao contrário de ter sido modificado com o passar do tempo, tem se repetido e ganhado força nos últimos anos. Em nosso país, recentemente, a posse de um governo de direita conservadora tem acentuado essa realidade desigual.

Um dos exemplos mais recentes que podemos citar dentro deste contexto é a aplicação do Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM –, em tempos de pandemia e de “educação virtual” onde as classes privilegiadas, que tiveram acesso à internet e diversos canais de comunicação, puderam se preparar para as provas enquanto estudantes das classes menos

privilegiadas as quais compõem as minorias sociais não tiveram a mesma oportunidade e qualidade na educação e no preparo para o exame. A consequência disto provavelmente será o acesso às Universidades pelas classes mais altas da sociedade, deixando de fora minorias que não tiveram os recursos necessários para estudar seguindo essa nova realidade.

O sistema educacional de nosso país é muito voltado para a preparação para o mercado de trabalho. Se o cenário educacional exclui a diversidade de gênero e não oferece recursos para uma educação igualitária, o mercado do trabalho tende a seguir o mesmo caminho, e só os mais preparados (ou privilegiados?) conseguirão espaço na disputa pelas vagas de trabalho e poderão exercer profissões de acordo com seu preparo educacional e suas escolhas, enquanto que para os demais resta considerar como trabalho qualquer oportunidade de obter algum tipo de remuneração.

O preconceito é outro fator que vai além das questões educacionais e alcança o mercado de trabalho como algo que impede o acesso às profissões por parte dos alunos LGBTQIA+. Muitos destes que são vítimas do preconceito no cotidiano escolar acabam por desistir de seus estudos e conseqüentemente dificultando seu acesso a empregos. Por outro lado, há também os que se preparam para o trabalho através da educação profissional, como é o caso dos que ingressam e concluem seus estudos nos Institutos Federais ou escolas de Educação Profissional, mas não encontram oportunidades de trabalho simplesmente por sua aparência e características não condizerem com o seu sexo biológico ou com o nome registrado nos seus documentos de identificação social. Para estes muitas vezes resta a justificativa de não preencherem o perfil da vaga.

Objetivamos aqui, trazer reflexões sobre esta realidade a partir da narrativa de alguns/algumas estudantes do Instituto Federal de Sergipe que em entrevista discorreram sobre como é ser um estudante LGBTQIA+, suas experiências e expectativas em relação ao seu futuro no mundo do trabalho. As entrevistas aqui retratadas fizeram parte de uma pesquisa maior, o mestrado profissional em educação profissional e tecnológica no programa de pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal de Sergipe.

Entendemos a educação e o trabalho como ferramentas de transformação social, por isso acreditamos que é preciso existir dentro do espaço escolar, nas universidades e nos locais de trabalho ações que visem a resultados que ultrapassem a questão da aceitação das diferenças quando se trata de gênero, mas que tenham como objetivo questionar os discursos e atitudes que levam a tratar com desigualdade e a rotular qualquer sujeito como diferente.

NO ESPAÇO ESCOLAR, HÁ ESPAÇO PARA MAIS UM GÊNERO?

Louro (2014), argumenta que a escola é em parte responsável pela instituição de muitas práticas e concepções que ao longo do tempo interiorizamos como naturais ainda que sejam fatores culturais, afinal, a escola de várias formas produz as diferenças e estas por sua vez tornam-se então referências. Para a autora, a escola é parte importante desse processo de fabricação dos sujeitos e das diferenças. Sobre esse assunto, afirma a autora:

Por um aprendizado eficaz, continuado e sutil, um ritmo, uma cadência, uma disposição física, uma postura, parecem penetrar nos sujeitos, ao mesmo tempo em que esses reagem e, envolvidos por tais dispositivos e práticas, constituem suas **identidades "escolarizadas"**. Gestos, movimentos, sentidos são produzidos no espaço escolar e incorporados por meninos e meninas, **tornando-se parte de seus corpos**. Ali se aprende a olhar e a se olhar, se aprende a ouvir, a falar e a calar; se aprende a preferir. Todos os sentidos são treinados, fazendo com que cada um e cada uma conheçam sons, os cheiros e os sabores "bons" e decentes e rejeite os indecentes; aprenda o que, a quem e como tocar (ou, na maior parte das vezes, não tocar); fazendo com que tenha algumas habilidades e não outras. E todas essas lições são atravessadas pela diferença, elas confirmam e também produzem diferença (Louro, 2014, p. 65, grifo nosso).

Nesse contexto de produzir diferenças e comportamentos, vemos a escola destacar e por vezes premiar quem possui notas mais altas, classificando-o como o mais inteligente ou quem obedece às regras, classificando-o como o mais obediente. E o aluno que melhor reproduz os gestos, atitude e o comportamento ali ensinados se destaca, servindo de modelo a ser seguido e influenciando na constituição das identidades dos outros alunos, que passam a ter modelos de comportamento, sexualidade, aparência, peso, inteligência etc.

A partir da valorização desses modelos, os demais alunos aprendem o que é aceito como certo, errado, normal ou anormal. Perguntamo-nos, então, quantos alunos que se declaram LGBTQIA+ estão em destaque nas escolas? Quantos são reconhecidos por seu talento e produção de conhecimento ou possuem oportunidades de prosseguir os estudos sem se sentirem incomodados ou vítimas de algum tipo de violência? Quantos estão na lista dos primeiros lugares do vestibular? Quantos estão em destaque entre os profissionais mais bem pagos, reconhecidos ou melhor qualificados para o exercício de suas profissões?

Dados de pesquisas mostram números que apontam que os/ as estudantes LGBTQIA+ destacam-se em outro âmbito: os dos que mais sofrem dificuldades no ambiente escolar e no trabalho. Em 2009, uma pesquisa realizada pela FIPE (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas da Universidade de São Paulo) a pedido do Ministério da Educação, em mais de 500 escolas do Brasil apontou que 38,2% sofriam discriminação em relação ao gênero¹.

Em 2016, sete anos depois, os números não mostraram outra realidade. Uma pesquisa nacional sobre o ambiente educacional no Brasil, realizada pela ABGLT (Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos) em parceria com diversas ONGs e concomitantemente em outros cinco países da América Latina, mostrou que em relação ao ambiente escolar, o local mais evitado pelos/as estudantes é o banheiro, chegando a 38,4%, seguido das aulas de educação física e vestuários, 36% e 30% respectivamente². Ou seja, os lugares onde seus corpos podem ser vistos por outros alunos são os mais evitados por esses/as estudantes. A mesma pesquisa mostrou que em relação as características pessoais, aquela que mais traz insegurança aos/ às estudantes é sua orientação sexual, chegando a 60% dos entrevistados.

Em 2018, dados levantados pela Associação Nacional dos Dirigentes das instituições Federais de ensino Superior (ANDIFES) mostram resultados preocupantes em relação a ocupação dos espaços escolares pelos LGBTQIA+: 0,1% de estudantes transexuais representam o total de alunos das Instituições de ensino superior³.

Percebemos a partir desses dados, que o ambiente escolar não é percebido para a maioria dos/das estudantes LGBT como um local confortável, o que pode gerar evasões e desistências. Se muitos desses alunos não concluem o ensino fundamental e, por conseguinte não ingressam no ensino médio, tampouco nas Universidades, conseqüentemente o mundo do trabalho vai aos poucos se tornando um lugar inacessível para esses sujeitos.

Para Ramos (2008), dar saber a um povo é dar a ele a capacidade de se perceber como sujeito da própria história e apropriando-se de sua realidade, poder transformá-la. Podemos perceber o poder de transformação que ambiente escolar pode exercer na vida dos/das estudantes. Alguns que inicialmente chegaram ao Instituto com medo de não serem aceitos ou sofrerem algum tipo de violência, hoje sentem na escola um porto seguro:

Porque quando eu entrei aqui eu tava com medo, entendeu? Essas coisas, assim pelo meu jeito, de sofrer bullying, preconceito, entendeu? Porque quando eu estudava na outra escola, todo mundo me conhecia todo mundo conhecia o meu jeito, mas quando eu entrei aqui, aí era outra coisa, aqui é outro mundo, como as faculdades é outro mundo, aqui é

¹ Disponível em <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relatoriofinal.pdf>

² Disponível em <https://static.congressoemfoco.uol.com.br/2016/08/IAE-Brasil-Web-3-1.pdf>

³ Disponível em: <http://www.andifes.org.br/v-pesquisa-nacional-de-perfil-socioeconomico-e-cultural-dos-as-graduandos-as-das-ifes-2018/>

outra coisa, já é outra realidade entendeu? (Estudante B).

Eu sou interna, eu passo aqui a semana inteira eu só vou pra casa final de semana e às vezes nem vou, então você sair de um lugar onde você viveu a sua vida praticamente toda e vir pra um lugar diferente e ter essa rotina, é bem diferente. E aqui na escola querendo ou não eu tenho ...vamo...como se diz... um espaço, eu tenho um espaço onde eu consigo ser eu, então isso, isso pra mim foi muito bom, é uma coisa que ... eu gosto, eu consigo interpretar minhas emoções e o meu ser. Eu... (Estudante D).

Mudou muita coisa na minha vida, quando eu entrei aqui. Assim o que eu pensava: ah vai ser muito puxado, eu queria desistir não 70 queria nem entrar porque eu sei como é uma escola Instituto Federal, é o dia todo, mas mudou muita coisa, assim, me soltei mais, em relação assim, que eu era muito preso eu não me soltava pra ninguém, mas quando eu vim, entrei aqui, aí eu não sei o que deu, soltei assim, normal, soltei assim: ah tá hora, cansei (Estudante B).

Percebemos com essas narrativas que fatores como respeito, o acolhimento, o fato de não se sentirem julgados ou criticados por parte dos/das demais estudantes foram fundamentais para que o medo da não aceitação e da violência desse lugar à liberdade. A escola tornou-se um espaço onde os/as estudantes sentiam-se à vontade para “ser quem se é de verdade” independente das determinações externas.

Algumas dessas determinações externas que os impediam de ser eles mesmos vinham de suas próprias cidades e casas, conforme trecho abaixo:

Rapaz, olhe tipo assim, é... você sair da sua cidade, onde você mora, com as pessoas que você vive e com pessoas que particularmente não te agradam e vir pra um lugar diferente onde você pode ser você mesmo é muito maravilhoso porque tipo, eu encontrei uma nova realidade, eu saí da minha cidade e vim pro IFS, no IFS eu sou eu, (diz o nome), a pessoa que eu quero ser, eu sou quem eu sou de verdade, só que tipo... na minha cidade eu não consigo ser, eu, entendeu? (Estudante D).

Outro/a estudante acredita que a escola pode ser um meio de conscientizar sobre as questões LGBTQIA+:

Então eu, também eu acho e isso é um dos grandes problemas também que tem no Brasil pelo mundo LGBT, de as pessoas não se revelarem pra sociedade o que elas são, porque primeiramente a gente tem que se revelar em casa pra depois se revelar pro mundo, mas muitas das vezes eu vejo assim que os nossos familiares eles não, não é que eles não aceitam é que eles não sabem e não entendem o assunto, e aí tipo, tem aquele negócio que a sociedade cria uma imagem sobre aquilo e muitos por não entender seguem, aquela que eles estão oferecendo. Então eu penso que a escola podia ajudar, explicar... (Estudante E).

Então tipo, eu acho que se tivesse mais, vamos supor, conversas com eles, pra dialogar e debater mais sobre o assunto, seria mais aberto hoje a gente em si chegar pra conversar, mas em relação a isso eu acho que, que...é difícil, é difícil você conversar sobre esses assuntos é difícil você hoje chegar e falar assim: eu sou isso. Então assim, a escola tem muito recurso, a escola tem muito recurso pra ajudar em relação a tudo isso (Estudante D).

A maioria dos/das estudantes contaram que gostariam de exercer uma profissão logo que possível, porém, pensavam em trabalhar antes mesmo de terminar a faculdade, mesmo que fosse como estagiários, bolsistas ou trabalhassem meio período. Embora todos concordassem que a Educação Profissional iria ajudá-los no ingresso no mercado de trabalho futuramente, nem todos estavam seguros de permanecer exercendo a profissão que estão

aprendendo no Instituto. Alguns pela pressa de conseguir de forma mais rápida um trabalho, outros porque gostariam de exercer profissões diferentes, mas aproveitando o ensino público de qualidade oferecido pelo instituto para poderem ingressar na Universidade.

Sobre isto reforça Ramos (2010) quando afirma que a finalidade da educação integrada que tem o trabalho como princípio educativo não é necessariamente profissionalizante. Porém, esta finalidade se impõe na educação brasileira por algumas razões. Uma delas é o caráter econômico, dado que a maioria dos jovens da classe trabalhadora têm dificuldade de traçar uma carreira escolar em que a profissionalização seja um projeto posterior à educação básica.

GÊNERO E TRABALHO – QUE CORPO É ACEITO NAS CORPORações?

Em 2017, uma pesquisa realizada com dez mil empresas espalhadas pelo país mostrou que 41% das pessoas LGBTQIA+ sofriam discriminação no ambiente de trabalho e 61% optavam por esconder seu gênero ⁴. Essa é uma realidade ainda pouco experimentada, mas bem conhecida pelos/as estudantes entrevistados, seja por ter tido alguma experiência de trabalho, seja por ouvir relatos de amigos e pessoas conhecidas

Que a educação é porta para o futuro todos de alguma forma sabemos, o que não sabemos ainda é o quanto este futuro, que depende especialmente da permanência e progresso escolar, pode ser desafiador para quem não traz no seu corpo as marcas de gênero aceitos pela sociedade. O preconceito e a violência que é gerada por ele, rouba direitos essenciais do ser humano como trabalho e educação, ferramentas fundamentais para construção de si e para a transformação social.

Nas sociedades contemporâneas, sobretudo em razão da concorrência pelos empregos e da existência de um mercado de trabalho, todos, salvo exceções, devem se dotar das competências que lhes permitam conseguir um emprego e ter acesso a uma formação certificadora (...) ela é indissociável do direito ao trabalho que faz parte- ainda que não seja aplicado totalmente em nenhum lugar- dos direitos fundamentais mais modernos. Trata-se de aprender por e nesse trabalho, que deve possibilitar um engajamento subjetivo da pessoa em questão e com isto abrir um futuro para ela (Dubar, 2012, p. 364).

O ingresso no exercício de profissões é desafiador para a maioria dos jovens. E a realidade é ainda mais difícil quando se trata de pessoas LGBTQIA+. Em relação às travestis, transexuais e transgêneros, o preconceito e a discriminação tornam-se ainda mais nítidos, uma vez que suas performances de gênero se apresentam em dissonância para a sociedade com o sexo/gênero que lhe foi atribuído ao nascer, divergindo assim dos padrões heteronormativos.

Então quando eu comecei a trabalhar foi... eu tinha 16 anos, foi num restaurante. É... me aceitaram, é... me assumi, falei que era gay, falei a situação, o motivo que eu estava trabalhando é..., botaram num, era um restaurante, mas só que era um restaurante ele era um ponto turístico, aí tem uma ,uma loja de turismo e aí eu comecei a trabalhar lá. Aí queria que eu fizesse, como que por eu ser gay queria que eu fizesse trabalho de mulher e achavam que ia ser mais fácil, é... não foi totalmente assim eu não aceitei o que eles queriam, colocaram pra mim, falei bem assim : “ Não. Eu tô aqui pra fazer isso eu vou fazer isso. “Não deixei eles tentar é..., subir em cima *de* mim por minha opção sexual, aí foi onde me transferiu, botaram eu pra outro setor, foi quando eu passei a ser garçom (Estudante E).

⁴ FERES, Elisa. Demitidos por serem gays: o nada fácil mercado de trabalho para os LGBT. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/demitidos-por-serem-gays-o-nada-facil-mercado-de-trabalhopara-lgbts,220a094b8b5532e5cbd90ac99e8e3877mqbwRCRD.html>

Porque muitas vezes um gay quando vai entregar currículo aí a gerente da loja diz que não tem vaga, mas só que tem. Diz que não tem vaga pra não contratar entendeu? Ou então pra não dar esperança, até pra mostrar mesmo que ali não é o lugar dele por ele ser gay ou lésbica ou bi e assim por diante (Estudante C).

Nestes casos, a maioria aceita qualquer tipo de trabalho mesmo que sem condições de segurança, equidade, liberdade ou dignidade. Conforme Bauman (2001) para essas pessoas o trabalho muda de caráter, passando a ser mais o resultado de agarrar uma oportunidade do que o produto de planejamento e projeto.

Segundo os dados do Dossiê de assassinatos e violência contra travestis e transexuais em 2018, da ANTRA⁵, 90% dos travestis se prostituem por não terem conseguido trabalho formal (inclui-se os que apresentam bons currículos). E em média é aos 13 anos que a maioria das pessoas trans ou travestis iniciam seu trabalho na rua devido à exclusão social, familiar ou escolar.

Dentro dessa perspectiva, Butler (2007) nos ensina que as sociedades constroem normas que regulam e conseqüentemente materializam os sexos dos indivíduos, e que essas normas regulatórias têm o poder de produzir, reproduzir, demarcar, fazer e diferenciar os corpos, dando existência a certas subjetividades que se ajustam ou se identificam a uma matriz cultural, enquanto que as outras são excluídas.

Moura (2007) defende que é socialmente justo que todos trabalhem, porque é um direito subjetivo de todos os cidadãos, mas também é uma obrigação coletiva porque a partir da produção de todos é que se concretiza e se transforma a existência humana. Sendo assim, não é justo que muitos trabalhem para que poucos enriqueçam cada vez mais, enquanto outros se tornam mais pobres e se marginalizados.

Um fator importante para as/os entrevistadas/os é que para muitos o ingresso no ensino médio com a possibilidade de escolha de um curso e futuramente uma profissão, já lhes dá a sensação de liberdade, de autonomia. O trabalho para eles, neste caso é sinônimo de liberdade, é como uma autorização para “ser quem se é de verdade.”

Eu conheço um, tive um colega aqui que ele não é, pra família ele não era assumido, mas pros amigos dele ele é assumido, e onde ele sempre pediu foi que não contasse à família dele que ele é... e hoje ele se formou, conseguiu entrar na Universidade sem demonstrar pra fam..., a família deve saber, porque toda, toda família sabe do, do seu filho, todos os pais sabem do seu filho, 78 mas só que não têm a certeza, então ele optou pra não ficar sabendo e só contar é, quando ele tivesse trabalhando, ganhando o próprio dinheiro dele e não tivesse mais morando com os pais” (Estudante E).

Isto fica claro, por exemplo, na fala do estudante B: “ Ah, não vão saber nunca, que eu não vou contar. Eu só vou contar quando eu tiver trabalhando. Aí quando eu tiver trabalhando que eu tiver minha casinha... aí eu cont.”

A educação e o trabalho dão sentido à existência individual. São atividades que não se reduzem à gasto de energia por salário ou uma troca econômica, mas têm uma dimensão simbólica em termos de realização de si e de reconhecimento social (Dubar, 2012). Essa afirmação se reforça nas seguintes falas:

Um LGBT, um gay que depende de si mesmo tem o seu dinheiro ele é tratado de uma maneira totalmente diferente de todos ao seu redor. Seja de amigo a inimigo. Um gay quando ele tem o seu dinheiro ele tem o seu emprego ele se torna mais respeitado por ele tá ali, sendo um gay, entendeu? (Estudante C).

⁵ Disponível em: <https://antrabrazil.org/category/violencia/>

O trabalho em si ele é importante pra todo mundo, mas pro LGBT eu acho que tipo, é como se fosse uma conquista, é uma batalha que você vai tá quebrando, pra sociedade em si porque tipo desde cedo todo mundo fala: “ ah... que...que você, tipo, muitas vezes eu já vi que têm pessoas que são negativas que fala assim: você acha que vai conseguir isso? (Estudante D).

Percebemos com essas narrativas a importância e o significado que o trabalho tem para estes jovens não apenas economicamente, no sentido de ter um salário ou de realizar seus desejos de consumo, mas para eles o trabalho se torna um escudo e sinônimo de liberdade. Para eles, as conquistas relacionadas à educação e ao trabalho significam "mais do que para outras pessoas" pois vêm carregadas de superação, seja por precisarem lidar todas as questões pessoais que envolvem sua sexualidade, seja pelo desafio de enfrentar um meio externo preconceituoso, hostil e por diversas vezes excludente.

CONCLUSÃO

As dificuldades enfrentadas no dia a dia pelas pessoas LGBTQIA+ passam pela família, pela escola e chegam também ao ambiente de trabalho. Ano após ano vemos através das estatísticas as dificuldades de ingresso e permanência dessas pessoas nas atividades educacionais e profissionais, porém ainda pouco se fala a respeito. Nosso país possui um sistema educacional formal voltado prioritariamente para o mercado de trabalho, lugar onde estatisticamente faltam mais oportunidades de educação e emprego para os grupos considerados minorias.

A falta de acesso à educação traz consequências negativas no futuro profissional. Se por algum motivo a população LGBTQIA+ não encontra espaço no ambiente educacional, conseqüentemente também não encontrará no mundo de trabalho. Por outro lado, há outra realidade em que pessoas preparadas para o exercício das profissões não conseguem exercê-las pelo fato de serem declaradamente LGBTQIA+.

Nos relatos dos/ das estudantes foi possível notar que embora alguns narrem ter sofrido atos preconceituosos inicialmente, com o passar do tempo e a partir do respeito mútuo, ao contrário de se sentirem vítimas de preconceito eles se sentiram respeitados e mais livres dentro do Instituto do que em suas próprias cidades, o que nos faz refletir sobre a importância de levar para dentro do espaço educacional discussões sobre as questões de gênero e que estas possam gerar ações que possibilitem uma mudança social.

Pretendemos com este trabalho que a partilha de experiências dos próprios alunos, possibilite uma mudança de pensamento e atitude em relação ao gênero e sejam construídos laços de empatia, respeito e solidariedade no enfrentamento das injustiças e preconceitos presentes na escola e no mundo do trabalho. Espera-se que este trabalho contribua para que a Educação, contrapondo-se a projetos conservadores que implicam desigualdades e injustiças, possa intervir positivamente na construção do futuro de seus alunos e que estes possam ter oportunidade de escolher seu caminho profissional de acordo com seus desejos, motivações e formação.

AGRADECIMENTOS

Não aplicável.

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES

Milene Soares de Medeiros: concepção e desenho, aquisição de dados, análise e interpretação dos dados, redação do artigo, revisão crítica de conteúdo intelectual

importante. Elza Ferreira Santos: redação do artigo, revisão crítica de conteúdo intelectual importante. Todas as autoras leram e aprovaram a versão final do manuscrito.

CONFLITOS DE INTERESSE

As autoras declaram que não há conflitos de interesse.

REFERÊNCIAS

Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Brasil. (2018). Ministério dos Direitos Humanos. Secretaria Nacional de Cidadania. *Violência LGBTfóbicas no Brasil: dados da violência – Documento eletrônico – Brasília: Ministério dos Direitos Humanos, 2018*. Disponível em: mdh.gov.br/biblioteca/consultorias/lgbt/violencia-lgbtfobicas-no-brasil-dados-da-violencia/view

Brito, C. D. A., & Nunes, C. P. (2020). The intensification of teaching work in the context of the commercialization of higher education in Brazil. *Journal of Research and Knowledge Spreading*, 1(1), e11420. <https://doi.org/10.20952/jrks1111420>

Butler, J. (2007). *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In: Louro, G. L. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica.

Butler, J. (2014). Regulações de gênero. *Cadernos Pagu*, 42, 249-274. <https://doi.org/10.1590/0104-8333201400420249>.

Dias, A. F. (2020). Trans* escrituras e a pedagogical power. *Journal of Research and Knowledge Spreading*, 1(1), e11494. <https://doi.org/10.20952/jrks1111494>

Dubar, C. (2012). A construção de si pela atividade de trabalho: a socialização profissional. *Cadernos de Pesquisa*, 42(146), 351-367. <https://doi.org/10.1590/S0100-15742012000200003>.

Feres, E. (2019). *Demitidos por serem gays: o nada fácil mercado de trabalho para os LGBT*. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/demitidos-por-serem-gays-o-nada-facil-mercado-de-trabalhopara-gbts,220a094b8b5532e5cbd90ac99e8e3877mqbwRCRD.html>

Louro, G. L. (2014). *Gênero, sexualidade e educação – uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes.

Louro, G. L. (2018). *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica.

Louro, G. L., Nechel, J. F., & Goellner, S. V. (2013). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes.

Moura, D. H. (2007). Educação básica e educação profissional e tecnológica: dualidade histórica e perspectivas de integração. *Holos*, 23(2), 1-27. <https://doi.org/10.15628/holos.2007.11>

Orlandi, E. P. (2015). *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes Livros.

Oliveira, E. S., & Barreto, D. A. B. (2020). Contemporary studies on knowledge, teaching in higher education and social representations in Brazil. *Journal of Research and Knowledge Spreading*, 1(1), e11585. <http://dx.doi.org/10.20952/jrks1111585>

Ramos, F. P. (2010). *A encenação documentária*. Anais do Estudos de Cinema e Audiovisual. São Paulo: Socine.

Ramos, M. (2010). Implicações políticas e pedagógicas da EJA integrada à educação profissional. *Revista Educação & Realidade*, 35(1), 65-85.

Santos, J. E. B. (2020). Cartographic narratives: the teaching of mathematics and ICT. *Journal of Research and Knowledge Spreading*, 1(1), e11645. <http://dx.doi.org/10.20954/jrks1111645>

Santos, I. T. R., Barreto, D. A. B., & Soares, C. V. C. O. (2020). Formative assessment in the classroom: the dialogue between teachers and students. *Journal of Research and Knowledge Spreading*, 1(1), e11483. <https://doi.org/10.20952/jrks1111483>

Silva, T. O., & Rios, P. P. (2020). Gender, sexual diversity and field education: “in rural communities many people do not understand and treat it as a disease”. *Journal of Research and Knowledge Spreading*, 1(1), e11418. <https://doi.org/10.20952/jrks1111418>

Silva, F. O., Alves, I. S., & Oliveira, L. C. (2020). Initial teaching training by homology in PIBID: experiential learning from professional practice. *Journal of Research and Knowledge Spreading*, 1(1), e11638. <http://dx.doi.org/10.20952/jrks1111638>